O INCA E O BOM GOVERNO: O '*BUEN GOBIERNO*' NA CRÔNICA DE FELIPE GUAMAN POMA DE AYALA (PERU, 1615) UMA ANÁLISE SOBRE O FRONTISPÍCIO DA OBRA

Ruty Souza Alves[1]

RESUMO: O presente trabalho pretende analisar o frontispício da obra *Nueva Córonica y Buen Gobierno*, como parte da reflexão da pesquisa de mestrado "O inca e o bom governo: o 'buen gobierno' na crônica de Felipe Guaman Poma de Ayala (Peru, 1615)". A pesquisa propõe uma reflexão sobre o conceito de *Buen Govierno*, na crônica de Felipe Guaman Poma de Ayala, intitulada de Nueva Corónica y Buen Govierno, produzida entre 1612 e 1615 e endereçada ao Rei Felipe III da Espanha. Buscando identificar as intencionalidades, motivações e objetivos que levaram o autor a narrar a história de um "Buen Gobierno". Neste sentido a analise do frontispício da obra visa demonstrar as apropriações que o indígena, ou melhor de um sujeito que se entende como indígena, faz do mundo europeu e de seu próprio mundo, numa construção de mediação cultural. Compreendendo como Poma de Ayala decodificou e codificou tais apropriações em uma narrativa histórica e política analisando qual sua concepção de História e de Política, e como ambas estão relacionadas na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Nueva Corónica y Buen Gobierno. Crônica. Bom Governo.

A OBRA NUEVA CORÓNICA Y BUEN GOBIERNO

Em 1906, nos arquivos da Biblioteca Real de Copenhague - Dinamarca, foi encontrada uma antiga carta assinada por Felipe Guaman Poma de Ayala intitulada de *Nueva Corónica y Buen Gobierno*, com cerca de 1600 páginas. Este documento teria sido enviado de Santiago de Los Chyles, sul da província peruana, tendo por destinatário o monarca espanhol Felipe III, há certa de 400 anos atrás, em fevereiro 1615. No início do século XX foi encontra por Richard Pietschmann (1906) a crônica, o pesquisador que se encontrava na condição de conselheiro da *Sociedade Antropológica de Gontinga*[2], anunciou ao conselho da biblioteca via informe de cerca três páginas o

[1] Mestranda em História pela Universidade Federal de Ouro-Preto, bolsista pela ordem de fomento CAPES, membra do Grupo de Pesquisa "História da América: Fontes e Historiografia (GEHA/UFOP)" (CNPQ).

[2] O informe foi publicado em Alemão por Richard Pietschmann (1912) e recebeu uma tradução para o espanhol em 2012 pelo Alfredo Alberdi Vallejo que realizou uma introdução crítica do informe.

documento que havia encontrado. No entanto, nos anos subsequentes não se tem estudos sobre a obra, o que fez com que Pietschmann realizasse uma nova menção a obra de Poma De Ayala no "XVIII Congresso Internacional de Americanistas – em Londres", no dia 29 de novembro de 1912, reapresentando, de maneira mais geral, a crônica para a comunidade de pesquisadores acadêmicos o que havia encontrado nos arquivos da biblioteca anos antes. Sendo este momento o primeiro registro de apresentação da obra no âmbito de pesquisadores, tal aviso tinha a intenção de divulgar o manuscrito e assim fomentar eventuais estudos.

Felipe Guaman Poma de Ayala nasceu no Peru, após a conquista do Império Inca pelos espanhóis, pertencente a uma nobre família Inca, Túpac Yapanqui. Foi educado em códigos culturais espanhóis, passando pelo processo de catequização, falava fluentemente o espanhol, o quéchua e outros idiomas indígenas, línguas que utilizou na composição sua obra. A autora Lopez-Baralt (1988) afirma que, hoje em dia é possível contar com poucos documentos de ordem burocrática[3], com relação às populações de Chiara e Quinua, uma carta do próprio autor endereçada ao Rei Felipe III[4] em que o nome do autor é citado, s seriam três desenhos[5] que foram publicados parcialmente pelo bispo Elías Prado Tello, em El Estandarte Católico de Ayacucho, em 30 de abril de 1954 e uma sentença de desterro[6] contra Felipe Guaman Poma de Ayala.

[3] LÓPEZ-BARALT, Mercedes. Icono y Conquista: Guamán Poma de Ayala. Pág. 67. Três documentos de ordem burocrática, sobre os expedientes dos comuneros de Quinua, da província de Huamanga, em Ayacuho, Peru. Contendo nos documentos a solicitação de ampara aos filhos de don Pedro Suyro, cacique principal de Lurinsaya. Esta documentação foi lavrada pelo visitado Amador de Valde Peña em Huanta, em 20/11/1595 e ratificado por Phelipe Guaman Poma (a grafia do nome do autor altera-se). Essa fonte foi publicada por Rodolfo Salazar no Estudio geográfico e histórico del desctricto de Quinua (Ayacucho, 1938).

[4] LÓPEZ-BARALT, Mercedes. Icono y Conquista: Guamán Poma de Ayala. Pág. 67-68. Uma carta escrita pelo narrador em 14 de fevereiro de 1615, em Santiago de Chipao na província de Lucanas, endereçada ao rei Felipe III, com o propósito de presentear o Rei com sua crônica. Essa carta foi descoberta por Porras e publicada por Guillermo Lohaman Villena na revista: Revista de Indias, año VI, núm. 20, abril-junio 1945, p. 325-327.

[5] LÓPEZ-BARALT, Mercedes. Icono y Conquista: Guamán Poma de Ayala. Pág.68. A autora apresenta que Edmundo Guillén Gullén, ressalta que não é possível assegurar a veracidade da documentação, pois, o bispado de Tello, onde foi encontrada os documentos, não oferece mais dados. O documento reuni informações sobre a comunidade de Chiarra que guardou para afirmar o direito as terras do vale de chupas por meio da propriedade Guamán Poma.).

[6] LÓPEZ-BARALT, Mercedes. Icono y Conquista: Guamán Poma de Ayala. Pág.68. Foi publicado pelo Fray Pedro Mañaricúa, na revista *Huamanga, no año XX, núm.85, abril de 1955.*

A crônica "Nueva Córonica y Buen Gobierno" é composta por duas formas de narrar, costuradas com coerência em dois livros. A primeira narrativa é codificada em espanhol, entremeada de frases e conceitos em quéchua ou em outras línguas indígenas, e possui 1189 páginas. A segunda forma de narrar é apresentada através de 398 desenhos realizados pelo autor, que além de ilustrar o texto, possuem um discurso próprio e autônomo. As narrativas são organizadas em 37 capítulos - enunciadas no transcorrer da obra e organizadas em uma 'tabla' no seu fim. Organizada em duas partes a primeira *Nueva Corónica* em que o cronista estrutura sua escrita por meio de marcações *de edades Andinas (Uari Wiracocha runa; Uari Runa; Purun Runa; Auca Runa; Inca runa; España en indias) e edades Europeas (Adán y Eva; Noé; Abrahán; David; Jesus Cristo).* O decorrer dessas "edades" provoca uma narrativa marcada pela descrição da genealogia de reis espanhóis e Incas, assim como a sucessão de pontificados em formas paralelas as escritas das idades. A segunda parte o *Buen Gobierno* o autor passa a descrever os vices- reis do Peru e as estruturas políticas sociais e religiosas que passaram a se estabelecer nesse território, bem como denúncia práticas desvirtuo-as dos corregedores e padres. Além disso o autor cria um diálogo com o Rei Felipe III. Em ambas formas de narrar é possível perceber a junção e a tensão existentes nestes mundos narrados pelo indígena.

AS DIFERENTES PERSPECTIVAS DE ESTUDOS SOBRE A CRÔNICA

Os estudos de historiadores começaram a ser publicados posteriormente a apresentação da obra no congresso cientifico. O historiador Raúl Porras (1948), realizou um trabalho voltado para a contextualização sobre os registros que Poma de Ayala realizou em sua obra. Nesse trabalho o autor visou rastrear a vida do autor, tanto em seus feitos documentais quanto nas contradições que permeiam a sua vida do cronista e dos personagens que cita em sua obra. Esses apontamentos colocaram em dúvida a primeira parte da obra em relação a cronologia dos acontecimentos relatados acerca do período colonial, o autor confrontou os escritos de Poma de Ayala com registros e informações do período em que o autor realiza sua obra. No que tange os seus estudo

sobre a idade dos índios ressalta que '*La contribución original de Huamán Poma de halla, principalmente, en sus notícias, probablemente de remotísima tradición (Porras 1939, pág. 37).'* Nesse sentido, é possível perceber que o autor realiza uma ponderação importante no que tange o valor histórico do documento, possibilitando trabalhar a obra como um documento/raro e importante na gama de crônicas do século XVI e XVII. Conforme destacaremos mais a baixo essas ponderações de Porras, possibilitou e inspirou outros autores a trabalharem com a fonte em outras perspectivas. Nesse sentido, os estudos como o de Pierre Duviols (1980), preocupou-se também em analisar a primeira parte da obra "Nueva Cronica" de maneira ampla, o trabalho do considera as possibilidades de leitura e interpretações do todo, e não individualizando o fragmentando a leitura por temáticas as 4 primeiras idades ou a história dos Incas.

> Intentamos un análisis textual de los famosos capítulos, partiendo de la siguiente observación: el texto sobre las cuatro edades, como lo demás de Poma, ofrece ciertamente un sinnúmero de incoherencias y errores. Pero, éstos conciernen al detalle, no al conjunto, de tal modo que una lectura minuciosa permite descubrir una coherencia global- o varias coherencias globales- por encima de las incoherencias parciales, de tal manera que surgen uno o varios sistemas históricos portadores de una ideología. Pero, para llegar a este resultado la lectura no debe limitarse al período preincaico de las cuatro edades, sino que debe incaico de las cuatro edades, sino que debe incluir también la época de los Incas. Es que los conceptos y símbolos de la historia que vehicula el texto de Poma cobran sentido solamente si se relacionan mutuamente las dos épocas que, juntas constituyen la historia pre hispánica del Perú. (DUVIOLS, PIERRE, 1980. Pág. 9)

Em 1988, Mercedes López-Baralt publicou uma obra seminal sobre o cronista, com um viés interdisciplinar, abordando por meio da iconografia, antropologia e da literatura comparada, a construção de *Nueva Corónica y Buen Gobierno*. A historiadora analisa as possibilidades da relação hierárquica entre o signo linguístico e o signo do icônico, e a crônica do autor indígena como um texto cultural. Para Lopéz-Baralt (1988), Poma de Ayala escreve de forma intencional algumas palavras em quéchua e sua escrita em espanhol faz com que sua mensagem de reivindicação seja implicitamente a denúncia das ações do governo espanhol. Assim, há a esperança de

que seu relato ajude em um bom governo, para a autora existe uma 'policulturalidad' que se articulam na obra do indígena, ora produz mensagens de denúncia, ora contradiz e compreende diferentes códigos de linguagem. A autora propõe a leitura de um mundo mestiço na obra de Poma de Ayala, que teria se valido de um eixo de vícios e virtudes para criticar o mundo espanhol, argumenta que existem distintas atitudes culturais combinadas na obra do cronista que tornam os estudos sobre a obra complexo, como alguns exemplos a autora apresenta os eixos de vencedor/vencido, pré-hispânico (yarovil / inca) e índio andino / espanhol (LÓPEZ-BARALT, 1988, p. 119-123). A autora López-Baralt sugere que por se tratar de uma obra rica em detalhes e complexa, que outros estudos podem trazer outras possiblidades eixos de leitura, por exemplo, uma vertente cultural e/ou política da obra (LÓPEZ-BARALT, 1988, p. 121).

Outra teórica que discorreu a respeito da obra de Poma de Ayala foi a literata Rolena Adorno, que ao examinar o envolvimento verbal e visual do cronista com as instituições da arte ocidental e da cultura, mostra como Poma de Ayala realizou uma crítica abrangente do discurso colonialista da religião, teoria, política e da História. Em seu livro Guaman Poma: Writing and Resistance in Colonial Peru 1978-79, a historiadora da Universidade do Texas argumenta que a obra de Guaman Poma narra o surgimento de uma voz americana exclusivamente Latina- americana, caracterizada pela articulação de arte literária e política. Rolena Adorno ressalta a necessidade de aumentar o número de pesquisa que pense a fonte histórica por meio de outras perspectivas, para melhor estabelecer preceitos de análises e diálogos sobre a obra de Poma de Ayala.

Estudos mais recentes como El mundo al revés. Guaman Poma anticolonialista de Alfredo R. Alberdi Vallejo (2010) aponta para se estudar os escritos de Poma de Ayala, por meio de uma pesquisa mais contextual da obra, ou seja, mapeando as características sociais, culturais e até espaciais que compõem a obra do indígena. O autor preocupou-se em mapear e centralizar o cronista em um determinado tempo histórico, mapeando seus descendentes e o nome de Poma de Ayala. As pesquisas do Alberdi, apresenta as estruturas de uma sociedade colonial como era a do Peru na época em que a obra foi escrita, levando em conta os conflitos sociais e

culturais. Este trabalho proporciona uma originalidade ao utilizar a crítica da própria veracidade e autenticidade da fonte. Nesse sentido, o historiador se preocupou com uma metodologia interdisciplinar aplicada ao materialismo histórico que lhe ajudou a evidenciar as lutas sociais impostas pelos espanhóis aos nativos.

Rolena Adorno ressalta a importância de se construir uma pesquisa que articule a análise da crônica do indígena Felipe Guaman Poma de Ayala, intitulada de Nueva Corónica y Buen Gobierno com o narrar de uma história (primeiro pré-conquista, segundo pós conquista e depois o período colonial), possibilitará ampliar as formas narrativas de descrição do século XVII. Nesse sentido, por meio de uma breve reflexão acerca do nome da obra Nueva Corónica (Nova Crônica) o próprio autor, Poma de Ayala, apresenta uma outra forma de se contar a história do período:

> […] que ha escrito unas historia de nuestro antepasados abuelos y mis padres y señores reyes que fueron antes del Inga y después que fue desde Uari Uiracocha runa […] de los caciques principales […] y todo el gobierno del ingas hasta su fin y acabamiento y la dicha conquista de éstos vuestros reinos y después como se alzaron contra vuestra corona real y de todas las dichas vuestras minas y la vida de vuestros corregidores. (POMA-AYALA, 1993, p.10)

O trecho escrito por Poma de Ayala traz que seus escritos servirão de registro do passado de seu povo e de suas práticas de governo, nesse sentido em principio parece que a História para o cronista se apresenta como registro de memorias. Diante disso, pode-se pressupor que a primeira parte do título da obra, apresenta ao rei e a igreja - leitores ao qual o cronista endereça a obra - às estruturas organizacionais de seu povo antes da conquista e pós-conquista e assim intitula a primeira parte de sua obra de Nova Crônica, narrando ao seu público a história de seus antepassados por meio das estruturas.

Ao analisar a segunda parte do título da crônica (Nueva Corónica y Buen Gobierno) tem-se ‘y Buen Gobierno’ (e Bom Governo), o segundo livro que completa o título da crônica. Na qual o cronista descreve práticas governamentais, dos espanhóis

com o viés de Bom Governo. O autor estrutura essa parte do livro por meio da descrição narrativa das estruturas de governos dos espanhóis que começaram a se instalar no Peru.

A escritora Helena Lima chama a atenção para a segunda parte da obra de Poma de Ayala referindo-se especificamente a narrativa criada em forma de diálogo, pelo cronista com o rei Felipe III. Nesse trecho, o autor responde a possíveis questões que o rei Felipe III, lhe faz, o conteúdo das questões que o rei faz ao cronista, demonstrariam a falta de conhecimento do Rei sobre as práticas de governanças que os vice-reis estavam realizando no reino do Peru. Nesse sentido, o autor respondia as questões do rei, e suas repostas evidenciam os desmandos dos vice-reis para com os indígenas, as respostas do indígena apontam 'denúncias de corrupção entre os funcionários que exercem os cargos públicos no vice-reino e na Igreja' (LIMA, 2010. P.163).

Devemos ressaltar que o presente trabalho propõe analisar a categoria de Buen Gobierno na obra escrita por um indígena, que após a conquista dominou os códigos de escrita de seu colonizador e narrou seu mundo, em texto/crônica, ou melhor uma Nova Crônica. Para isso é preciso entender a movimentação importante que o cronista realiza ao escrever sua obra que segundo Giane Lessa, Poma de Ayala realiza uma nova forma de se escrever crônicas, pois, no período medieval intitulava-se de crônica - textos que relatavam grandes feitos de 'monarcas'. No século XVI, os escritos ganharam uma nova simbologia, de caracterização de iniciativas individuais com um teor político. Nesse sentido, a autora pondera que quando o indígena escreve realiza um novo movimento de se auto intitular como escritor da crônica e alterando iniciativas individuais por coletivas. As crônicas foram apresentadas à América como uma forma escrita que servia de hierarquização e divisão entre povos civilizados e incivilizados.

José Carlos Gonzáles Boixo define 'crónica de Indias' como um conjunto de escritos históricos que se realizou na Idade Média. Ao se voltar para uma descrição de dicionários e enciclopédias encontrou: 'por un lado, se oferece una definición de «crónica» como género medieval; por otro, se menciona a los «cronistas de Indias», como cargo oficial'. O autor realizou seu recorte metodológico por meio da análise do

conceito crônica/cronista no que tange as suas delimitações de uma história oficial. O teórico pondera que existe uma gama de fontes para além dos oficiais, pois há uma ruptura na escrita de crônicas feita por cronistas oficiais no século XVI, e passando a ser feita por clérigos, juristas, viajantes etc. Dessa forma, a definição de Crônica das Índias equivale-se à premissa da ruptura com a idade média, esses textos seguiam de uma 'história' ou 'relação'. Os historiadores Anderson R. dos Reis e Luiz Estevam de O. Fernandes (2014) expõem que durante todo o período colonial ocorreu uma produção de registros dos acontecimentos na maior parte do território explorado pelos espanhóis. "Esses registros, conhecidos como crônicas, por seu marcante aspecto cronológico, geralmente eram feitos por membros do clero e expedicionários, amadores, soldados, religiosos e filósofos" (FERNANDES & REIS,2014, pág s/d). Assim, trabalhar com os documentos do período da conquista possibilita ampliar o fazer historiográfico de escritos indígenas, levando em consideração as crônicas escritas tanto por indígenas quanto por espanhóis.

Ao relatar, a crônica não fica circunscrita ao campo da objetividade – incumbida de só descrever e contar – mas o extrapola ganhando condição de produtora, de construtora de um olhar (no momento em que constrói uma representação) e, assim torna-se passível de questionamentos no seu próprio interior. A percepção de um objeto não se limita apenas no ato de perceber, mas desdobra-se em uma (re)significação deste objeto, através do "filtro cultural" de quem se apropria.

Diante disso, pode-se considerar que, a crônica em sua narrativa não se limita apenas a descrever alguma coisa, pois a mesma ao se materializar esta imbuída, também, de significados. A crônica exerce o papel de construtora de olhar, "no momento em que constrói uma representação". Dessa forma, a crônica pode ser analisada tanto na perspectiva de conhecer o fato narrado, quanto pelo viés cultural e histórico do povo indígena. Sublinha-se que neste estudo pretende-se fazer o recorte da história incaica, tratada na obra de Poma de Ayala. Portanto, o objetivo da pesquisa se delimita em analisar o conceito de Buen Gobierno, em uma vertente de passeurs, que se trata segundo Fernandes, Cañizares-Esguerra e Martins (2017), de pessoas que tinham

como característica sua própria diversidade: podiam ser de "diversas nacionalidades, como portugueses, espanhóis, franceses, judeus, malaios, tupis ou bantos; assim como podiam ocupar diversas posições sociais ou desempenhar diversas atividades e profissões" (Fernandes, Cañizares-Esguerra e Martins 2017, p.18),. Para ser considerado um passeurs, esses sujeitos estavam "conscientes de que eram habitantes de fronteiras" sendo eles, "capazes de transformar a periferia, na qual viviam, em centro de seus novos mundos; capazes de pensar a totalidade do mundo, a partir desse novo centro". Nas palavras de Stuart Schwartz, esses indivíduos "tornaram-se intermediários culturais, levando ideias e tecnologias europeias para as sociedades que os acolhiam. Mas a influência deles também funcionava no sentido oposto, e eles se tornaram agentes e intérpretes de outras culturas em suas sociedades de origem" (Fernandes, Cañizares-Esguerra e Martins 2017, p.19).

O bom governo, segundo Senellart, seria a junção de políticas e morais que se orientam para um bem comum. O autor realiza uma contextualização histórica do termo "governo" (regimen), na qual delimita três momentos: (i) até o século "XII, regimen (governo) procede o regime monárquico", sendo que a realeza tem o ofício vinculado a ideia de salvação; (ii) no "renascimento Maquiavel, governo se distancia do ideário de salvação e passa a ser pensada pelo ideário de virtuosa"; (iii) equivalesse do afastamento entre governo e estado, próprio do século XVII, atendo-se a significância de um governo que pensa as 'necessidades do estado' . Para o autor Anderson R. Reis, a ideia de Bom Governo visava pensar a política como regida por "homens virtuosos, que, em conjunto, seriam responsáveis pelo governo do reino – ou melhor, acompanhando o vocabulário da época pelo governo das repúblicas de índios e de espanhóis". O "Buen Gobierno" é uma espécie de variante indígena da secular literatura de espelho de príncipes (literatura que tem por função remeter "aquele que governa os outros à necessidade de governar-se a si mesmo para conformar-se, não à excelência de sua natureza, [...] mas à eminência de seu ofício" (Senellart, 2006).

Rolena Adorno aponta que o indígena se dedica a narrar ao rei, por meio de sua obra os abusos que alguns grupos que organizam a estrutura de governo do Peru

colonial veem praticando. E, com isso, aponta que a obra foi estruturada pelo indígena por meio de uma retorica do discurso e suas experiencias com "esperiences with the juridical, historical, and religious literature of the Spanish Golden Age and his expectations about his designated reader or destinataire" (ADORNO, 1986, p. 83-84).



Figura 1"El primer Nueva Corónica y Buen gobierno compuesto por Don Felipe Guaman Poma de Ayala- Sacra Católica Real Majestad- Su antidad – [monograma F.G.P] – Ayala- príncipe – El reino de las Indias."

A gravura (figura 1) feita por Poma de Ayala aparece como frontispício de sua obra "Nueva Corónica y Buen Gobierno". Nela, o autor propicia-nos pensar como ele próprio pretende estabelecer a estrutura narrativa de seu texto, uma vez que a maneira como dispõe as imagens prefigura uma ação harmonizadora dos mundos católico, espanhol e Inca. Em outras palavras, vemos Poma de Ayala arranjar, num mesmo espaço, mundos que estavam radicalmente separados antes da conquista. De maneira descritiva, podemos perceber que a imagem segue uma harmonia hierárquica de reinos e/ou poderes, pois, no alto da imagem temos o papa sentado em seu trono, segurando chaves do Reino de Deus - chaves da igreja, chave do reino dos céus. Como sucessor de Pedro, ao qual Jesus disse que edificasse a sua igreja, Poma de Ayala o situa no topo da imagem, mostrando o poder espiritual do pontífice como acima de quaisquer outros poderes temporais. Do lado esquerdo do papa, ao centro da imagem, o brasão papal. No plano médio, bem ao centro, temos o desenho da heráldica de Castela e Leão,

simbolizando a Espanha, e, ao seu lado, um homem de joelhos, com uma coroa ao seu lado - o Rei, que se põe a rezar. No plano inferior, no lado direito, o escudo do Reino das Índias, e, no esquerdo, um índio rezando – o próprio autor rodeado pelo monograma Don F.G.P Ayala/Príncipe.

Mercedes López- Baralt (1988) realiza uma análise sobre o frontispício da obra tratando tanto da linguagem gráfica como da verbal. Pela disposição espacial de seu desenho o autor já demonstraria ao seu leitor, Felipe III, sua intencionalidade política. Pois, Poma de Ayala coloca-se abaixo da imagem de maneira a transmitir aspectos de submissão e humildade; abaixo dele, o próprio autor simboliza a humanidade das índias, submetida como vassala, desde que sua hierarquia superior entendesse também qual o seu papel nessa sugestão da ideia de Bom Governo.

Bom governo, nesse caso, pode ser entendido como "A Política" (com letra maiúscula) voltada para o bem comum - sentido herdeiro das tradições escolásticas e humanistas –. Isto é, como sugere Anderson Robert dos Reis a formação política de um monarca ou príncipe por um espelho de virtudes que o tornassem um "bom cristão" capaz de gerir uma república de "bons cristãos". Logo, o Bom Governo "certo ordenamento da sociedade civil pautado na disseminação", desde o rei, "de normas morais, valores e práticas" de bons princípios e de virtudes cristãs. Com relação à questão espacial do desenho, López-Baralt acrescenta que não existe dúvida quanto a organização hierárquica de poder. Como já mencionamos, há na abertura da obra uma conformação de reconhecimento da governança do Reino das Índias. Porém, quando o indígena se coloca na imagem é possível perceber que o autor se subscreve na composição da imagem e na distribuição do poder.

Para a presente pesquisa, é importante ponderar que o autor realiza uma conformação em seu desenho, como uma linearidade harmônica de interpretação de mundos: a Igreja, como centro de unificação da humanidade e detentora do poder espiritual e universal, seria responsável direta pelo mandato evangelizador de Cristo. Por isso, ocupa o mais alto posto na rígida, porém harmônica, hierarquia do desenho. Dessa forma, o Reino da Espanha representada pela heráldica e o rei, com seu vasto

poder temporal e centro nevrálgico da monarquia católica que se montava desde os descobrimentos e das Bulas Papais (de 1493), poderia funcionar como elemento de ligação entre mundos antes desconexos: o das Índias e o de Roma. Já a Espanha funcionaria como mediadora também do mandato evangelizador, pois o teria recebido pela concessão da igreja como condição de justo título para possuir o reino das índias. O Reino das Índias, por sua vez, aparece na escala mais inferior desse mundo harmônico (em Cristo) e hierárquico (do ponto de vista temporal e espiritual). Assim sendo, o cronista se reconhece em uma estrutura política, como coloca em uma disposição de reino das Índias.

Conforme Lopez-Baralt, ainda sobre o desenho, fica claro que para o autor indígena o papa tinha autoridade absoluta como prelado de Deus no mundo, lugar tenente de Pedro em Roma. Haja vista que, quem detivesse o poder espiritual por mandato divino, deteria o topo dessa hierarquia do mundo ideal de Poma de Ayala. Nesse sentido é possível inferir que o autor tem uma compreensão do período em que está vivendo, e, por conseguinte, dos caminhos que deve percorrer para legitimar, tanto a leitura de sua crônica, quanto o seu projeto de Bom Governo - forma de narrar que se desdobra, também, em sua escrita, como veremos mais abaixo.

Sendo assim, é preciso demarcar que nessa imagem de abertura, há uma submissão do autor como vassalo do reino da Espanha. No início da obra, ele ordena o mundo, mostrando uma hierarquia superior à qual remeteria uma fórmula (e também seu papel nessa sugestão da ideia) de Bom Governo. Respondendo a Deus, abaixo dele e, nesse sentido, submetido à lei eterna, o próprio monarca espanhol aparece despido de sua coroa e curvado em oração. Abaixo dele, o próprio autor simboliza a humanidade das Índias, submetida como vassalo, porém na medida que expormos a obra, a ideia terá outros desdobramentos, visto que, como percebido no decorrer da leitura M. Lopez-Baralt ressalta o que o escritor mais faz no transcorrer de sua obra é criticar o governo dos espanhóis no reino do Peru, complexificando, assim, a ideia de bom vassalo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Ronela. **Contenidos y contradicciones: la obra de Felipe Guaman Poma y las aseveraciones acerca de Blas Valera.** Yale University S/D. Disponivel em: <http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v01n02/Adorno.htm>. Acesso em: 20 Jul. 2017.

ADORNO, Rolena. **The Depiction of Self and Other in Colonial Peru.** Art Journal, Vol. 49, No. 2, Depictions of the Dispossessed (Summer, 1990), pp.110-118. Disponivel em: < http://www.jstor.org/stable/777190?seq=1&cid=pdfeference#references_tab_contents You may need to log in to JSTOR to access the linked references 21 Jul 2017

ADORNO, Rolena. **Nueva corónica y buen gobierno by Guaman Poma de Ayala.** Diacritics, Vol. 4, No. 4 (Winter, 1974), pp. 2-7. Publicado: The Johns Hopkins University Press Disponivel em: < http://www.jstor.org/stable/465117 21 Jul 2017.

ADORNO, Rolena. **Guamna Poma and His Illustrated Chronicke from Colonial Peru/ Guaman Poma y su crónica ilustrada del Perú colonial.** Museum Tusculanum Press, 2001.

ADORNO, Rolena. **Video Conferencia de Rolena Adorno, professora de La Universidad de Yale, sobre Guamán Poma (1 e 2)** In: Centro Cultural Inca Garcilaso del Ministerio de Relaciones Exteriores del Perú (16 de junio de 2015). Dia: 15/02/2020 Visto em: Link: < https://www.youtube.com/watch?v=plokA_sO5fc&t=737s >

BRAGA, Gisele de Brito; BRITO, Rosa Mendonça; CHAVES, Regina Marieta Teixeira; PRINTES, Jocicléia Souza; SANTOS, Edlauva Oliveira; SILVA, Washington Luiz Alves. **A hermenêutica e o processo de construção do conhecimento. Ano/D.** Disponível em: < http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Rosa_Britto_Hermeneutica.pdf> Acesso em: 28 set. 2017.

CASSAGNE, Thérèse Bouysse. **De empédocles a tunupa: evangelización, hagiografía y mitos** p. 157-212. Disponível em: <http://books.openedition.org/iheal/812>. Acesso em: 15 Mar 2017.

DUVIOLS, Pierre. **Periodización y político: la historia pre-hispánica del Perú según Guamán Poma de Ayala.** In: "SOBRE WAMAN PUMA DE AYALA". Editora: Breve Biblioteca De Bolsillo. En: Boletín del instituto francés de estúdios andinos, IX, 3-4 (1980).

FERNANDES L. E. O. **As Américas na Primeira Modernidade IN As Américas na Primeira Modernidade** (1492-1750), Org. CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge; FERNANDES, L. E. O; MARTINS, Maria Cristina Bohn Vol.01. 1.ed- Curitiba: Editora Prismas, 2017 cap I.

FERNANDES L. E. O. & REIS, ANDERSON ROBERT DOS " **1492: partos do fecundo oceano relatos históricos sobre o descobrimento da América em dois tempos (as Décadas de Anglería e de Herrera)**. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 30, nº 54, p.727- 751, 2014.

GONZÁLEZ, JOSÉ CARLOS. **Hacia una definición de las crónicas de Indias.** In: Anales de la Literatura Hispanoamericana Universidad de León - Ano 1999, 28: 227-237.

GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo: história de uma mundialização**/ Serge Gruzinski; Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago, tradução. – Belo Horizonte: editora UFMG; São Paulo: Edusp, 2014.

LESSA, Giane da Silva Mariano. **Nueva corónica y buen Gobierno de Felipe Guaman poma de Ayala – um novo gênero que emerge no contexto da conquista da américa.** In: VSIGET, 2009.

LÓPEZ-BARALT, Mercedes. **GUAMA POMA DE AYALA E SU NUEVA CORONICA I BUEN GOBIERNO.** In: Icono y conquista: Guamán Poma de Ayala. Madrid: Ediciones Hiperión, 1988.

LÓPEZ-BARALT, Mercedes. **Reincentando Jerarquías: La Ficcionalización del autor em el Frontispicio de la Nueva Coronica y Buen Gobierno de Guaman Poma.** In: Revista Andina de Letras. 1/1993/UASB-Quito/ Corporación Editora Nacional.

NEIVA, Eduardo. **Nova Imagem, história e Semótica Anais do Museu Paulista**. In: Série NQ1 1993 Disponivel em <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v1n1/a02v1n1.pdf> 20/09/2017.

PIETSCHMANN, Richard. Informe Del Manuscrito Iluminadode Don Felipe Guamán Poma De Ayalaque Se Ha Encontrado En La Granbiblioteca Real De Copenhague. In: RUNA YACHACHIY, **Revista electrónica virtual**, 2012. Com a tradução da Introducción, notas y traducciónde l alemán al castellano por VALLEJO, Alfredo Alberdi. Disponível em <http://alberdi.de/Gontinga.pdf> Acessada em: 10/04/2020.

Porras BARRENECHEA, Raúl. **Indagaciones peruanas: El Legado Quechua.** Publicado en: La Prensa, Lima 20 de noviembre de 1946. Viso em: 20/05/2020 link: http://sisbib.unmsm.edu.pe/BibVirtual/libros/linguistica/legado_quechua/indice2.htm

Porras BARRENECHEA, Raúl. **El cronista indio Felipe Huamán Poma de Ayala (1534-1615).** El Palentino, op. cit., Segunda Parte, Li. II, p. 66 v Viso em: 20/05/2020 link:<https://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtual/libros/linguistica/legado_quechua/el_cronista.htm>

POMA-AYALA, Felipe Guaman. **El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno**. Os III Tomos. Peru: Fondo de Cultura Económica, 1993.

REIS, Anderson Roberti. **Das letras às virtudes:** os jesuítas e a conformação do bom governo no México (séculos XVI-XVII). Jul 2014. Anos 90, Porto Alegre, v. 21, n. 39p. 201-23. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/40287/30801> Acesso em 20 Jan.2017.

REIS, Anderson Roberti. **A crônica colonial como gênero de documento histórico.** Revista Idéias, 2006.